

Tudo sobre David Lynch

Daniel Schenker Wajnberg

Quem pensa que conhece bem a obra de David Lynch vai se surpreender. A mostra David Lynch O lado sombrio da alma exibirá, a partir do próximo dia 8, na Caixa Cultural, a filmografia completa de um dos diretores mais polêmicos do cinema mundial. No cardápio estão todos os seus longas, curtas e séries de televisão. Não é só: também integram a programação os filmes que produziu, aqueles em que atuou, o material exclusivo para internet, os comerciais para TV, os trabalhos de sua filha, Jennifer Lynch, e documentários sobre o próprio Lynch.

Responsável pelo garimpo, o curador da mostra, o crítico de cinema e editor do site Almanaque Virtual Mario Abbade não esconde a admiração por Lynch. "A cada novo longa-metragem ele percebia o lado nuvíoso do conto de fadas, em que a luz e as sombras se completam. Isso é retratado tanto em seus filmes com e sem narrativa clássica. Um mundo abstrato repleto de sonhos e pesadelos, que nos faz conjecturar as mais fantásticas hipóteses de compreensão", assinala.

O próprio Abbade não mediu esforços para assistir aos filmes de Lynch. "Minha relação com a obra dele data de dezembro de 1980, quando fui ver O homem elefante no antigo cinema Veneza. A partir daquele momento senti-me fisgado por seu universo e conferi todos os seus filmes no cinema. Até mesmo Eraserhead consegui assistir em película em Nova York, muito antes de começar a circular em cópias VHS no Brasil, trazidas do exterior, até por que nem nos Estados Unidos ele tinha sido lançado neste formato", destaca.

A mostra unirá, portanto, o conhecido Lynch de filmes como Veludo azul, Coração selvagem, Estrada perdida, História real e Cidade dos sonhos ao de trabalhos obscuros para o grande público, como Hotel room (trilogia de histórias que aconteceram no quarto 603 no Railroad Hotel entre 1936 e 1993), Industrial symphony nº 1 (espetáculo surrealista com a cantora Julee Cruise em meio a um jogo de cenas e de dança moderna), Ruth Roses and revolver (documentário sobre o surrealismo para o programa Arena da BBC) e Hugh Hefner (biografia sobre o dono da Revista Playboy).

Esta panorâmica proporcionará ao espectador refletir sobre alguns tópicos centrais da obra do cineasta. Um deles é a abordagem do sonho americano. "Nascido no interior dos Estados Unidos, David Lynch faria filmes sobre 'o outro lado do sonho americano'. Veludo azul parece um longo estupro simbólico da iconografia de uma cidadezinha dos Estados Unidos dos anos 80 com aparência de uma dos anos 50, tal como apareciam nas pinturas de Edward Hooper. Idem a filiação de tudo a que se refere à série televisiva Twin Peaks, herdeira simbólica de um filme sobre estes aspectos menos felizes dos subúrbios de um país que vende perfeição e triunfo. Mas um olhar menos viciado nessa obsessão com o que seriam os erros dos Estados Unidos revela algo mais complexo. Este 'outro lado do sonho americano', não é o reverso maligno do 'sonho americano', uma fantasia aberrante ou um delírio que nada tem de ligado de forma intrínseca a este objeto. É ele mesmo 'sonho americano', num lado constituinte poderoso e essencial, menos feliz e glamouroso, claro. Em História real, por exemplo, não há nada de normal num velhinho atravessar o país num trator que anda numa velocidade ridícula e encontra pessoas singulares", explica.

O destaque à violência também será esmiuçado. "A violência pode ser chocante ou exagerada (o personagem tendo a cabeça arrebatada na parede no começo de Coração selvagem, a morte de Bobby Peru no mesmo filme, o crânio que se 'instala' na mesa de vidro em outro assassinato bizarro, em Estrada perdida), mas, além de não ser inédita em intensidade, possui honestidade intelectual, pois está sempre de acordo com as intenções fabulísticas, oníricas, 'maiores que a vida', da obra dele", assinala Abbade.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 4, 5 e 6 dez. 2009, Artes, p. C-4.